

Fenômeno Harry Potter: fundamentos para cânones do futuro

Roberto Rodrigues Campos (UNEB)ⁱ

Resumo:

Desde a publicação do primeiro volume da série, “Harry Potter e a Pedra Filosofal” (1997), a obra de Joanne Kathleen Rowling já vendeu milhões de cópias por todo o mundo, sendo aclamada por uma multidão de leitores fiéis a qualquer material cujo tema seja Harry Potter. A crítica literária já vem apreciando textos como os de Rowling, do ponto de vista da produção do fenômeno literário, baseado no objeto e não no assunto. Após a constatação do surgimento de um novo modelo de produção literária circulando pelo mundo, a literatura de entretenimento, que é estimulada tanto pela temática do texto quanto pelo desejo de acompanhar a narrativa, fica evidente reconhecer que os leitores contemporâneos estão provocando interesse nos críticos literários e influenciando suas avaliações. Este trabalho tem como objetivo favorecer a discussão sobre o “ideal” de clássico a partir do leitor, bem como confrontar a série de narrativas Harry Potter com a produção maciça do estereótipo existente de cânone literário, e a provável inserção da série Harry Potter em uma futura organização do cânone. Desta forma, foram levantadas possíveis confirmações de que a obra de Rowling é um clássico do futuro, com base na compilação de conceitos oriundos de diversos teóricos, adeptos de diferentes correntes literárias, sem a pretensão de uma busca por leitores ou legitimação de Harry Potter, tampouco, qualquer tipo de ruptura; foi proposta, sim, a abertura de uma concepção a mais, preservando e respeitando concepções já existentes, uma vez que, se não houvesse o experimentalismo, os indivíduos não evoluiriam.

Palavras-chave: Cânone Literário, Leitor, Harry Potter

1. Introdução

Harry Potter é uma saga literária de sete livros escritos pela escocesa Joanne Kathleen Rowling, que imaginou um mundo de fantasia habitado por bruxos e seres mágicos. Conta a história de Harry Potter, um adolescente que descobre ser bruxo em seu décimo primeiro aniversário, e acaba indo para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde você aprende a ser um bruxo bom – o que nem sempre acontece. Ele deve lutar contra as forças do mal, inclusive com seu arqui-inimigo, um bruxo das trevas chamado Lord Voldemort, e seus seguidores, os Comensais da Morte.

Já escreveram livros sobre ele, artigos científicos sérios, há reuniões e convenções (inter)nacionais todos os anos. Sociólogos, historiadores, psicólogos, psiquiatras e filósofos já falaram extensivamente sobre o assunto: o fenômeno Harry Potter se tornou peculiarmente interessante para se discutir. Fica evidente reconhecer que os leitores contemporâneos estão provocando interesse nos críticos literários e influenciando suas avaliações; a crítica literária já vem apreciando textos como os de Rowling, do ponto de vista da produção do fenômeno literário, após constatar que um novo modelo de produção literária surgiu e está circulando pelo mundo, a literatura de entretenimento, a qual se caracteriza por um estímulo tanto pela temática do texto quanto pelo desejo de acompanhar-o. Grande exemplo disso é Ana Cláudia Pelisoli, que desenvolveu uma dissertação intitulada *Harry Potter: um chamado ao leitor*, analisando, ao invés do conteúdo da série, a recepção que a mesma teve entre os jovens, bem como suas produções

textuais relacionadas ao texto original de Rowling.

Por conseguinte, propõe-se fazer uma análise da recepção da série Harry Potter, cuja configuração peculiar tem quebrado certos paradigmas da literatura tradicional, na tentativa de averiguar se a esta obra, bem como outras literaturas de entretenimento, pode compor o cânone do futuro. Para tanto, estabelecer-se-á uma compilação de pensamentos sobre a série Harry Potter, confrontando-a com ideias a respeito da valoração e da formação do cânone literário.

2. O Fenômeno Harry Potter e os cânones do futuro

Famoso entre aqueles de 8 a 80 anos: acredita-se que uma pesquisa iria revelar que mais de 75% da população brasileira já ouviu falar, em algum momento, de Harry Potter. Por isso, é legítimo questionar o que se entende por essa paixão por uma série de sete livros infantis e oito; merece reflexão. A questão era saber o porquê de tanto sucesso, já que não foi como uma onda como maré, teve seu boom, mas não fora destruído rapidamente, não diminuiria tal como aconteceu com: Stephenie Meyer, da saga Crepúsculo; Rick Riordan, da série Percy Jackson e os Olimpianos; Stephen King e suas obras de terror, entre outros. Vale ressaltar que essa cultura de leitura de *best-sellers* não se resume a obras estrangeiras. No Brasil, destacam-se Paulo Coelho, Felipe Pena, André Vianco, Pedro Drummond, Luis Eduardo Matta, Thomaz Adour, entre outros.

Já Isabelle Cani refere-se a Rowling como uma autora inteligente, e interpreta as palavras da Prof^a. Minerva McGonagall - “Vão escrever livros sobre ele. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele”¹ - como a predição de um sucesso mercadológico:

Há ali uma espécie de aposta sobre o futuro: ela espera, ela quer acreditar que essas frases se tornarão realidade, que seu Harry Potter encontrará o sucesso com o qual ela sonha, especialmente junto a “todas as crianças no nosso mundo”. (CANI, 2008, p.12)

Cani deixa claro que Rowling escrevera as palavras da Prof^a. McGonagall antes do sucesso que a série adquirira, visto que tais palavras aparecem no primeiro capítulo do Volume I:

De fato, escrevem-se livros sobre ele, e agora todas as crianças conhecem seu nome, não somente dentro do mundo dos bruxos do qual fala Minerva McGonagall, mas também no mundo ocidental como um todo. E, no entanto, quando J.K. Rowling escreveu essas frases, ela ainda não havia publicado nada, ninguém ouvira falar dela nem de seu jovem herói; como todos os autores iniciantes, ela não tinha nem mesmo certeza de que iria encontrar um editor para seu primeiro romance. (CANI, 2008, p.12)

Para os estudiosos mais conservadores, Harry Potter e todas as obras contemporâneas de entretenimento não correspondem ao ideal literário, e combatem toda e qualquer produção literária de mesmo estilo, alegando má qualidade estético-literário por sempre seguirem uma mesma forma, por terem seus sucessos premeditados, perdendo,

¹ Frase proferida pela Professora Minerva McGonagall, vice-diretora da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, respectivamente personagem e instituição, ícones fictícios da série Harry Potter. In: ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.17.

assim, a beleza estética e o espírito artístico. Harold Bloom, reapeitado crítico literário, questiona: se existem “tão bons escritores para crianças com Lewis Carrol e até mesmo Shakespeare, por que não reuni-los em um só volume, oferecendo uma oportunidade para os pais oferecerem boa literatura para seus filhos? (BLOOM, 2003b). Marina Colasanti tenta explicar o porquê da série Harry Potter prender a atenção do seu público-leitor. Ela afirma,

com menos autoridade do que Bloom, [...] que as poucas descrições e muitos diálogos, a linguagem oral e o ritmo acelerado tornam os livros de Rowling palatáveis. Sem pausas, sem quedas na narrativa, vai emendando um fato no outro, levando o leitor a prosseguir na leitura. E termina como convém a livros de série, deixando a porta aberta para a próxima rodada. (COLASANTI, 2005)

Para Ana Maria Machado, escritora infanto-juvenil de linha mais conservadora, Harry Potter é uma prova de que a juventude da era “internet” realmente não se interessa por literatura, já que não considera a obra de Rowling como literatura. Na visão de Machado (2001), a série Harry Potter não passa de um fruto da cultura de massa, conforme ilustrado pelas palavras de André Miranda:

– Nunca existiu um fenômeno tão forte como o de “Harry Potter. Ele surfou na mesma onda literária do Tolkien, mas depois o ultrapassou – afirma a escritora Ana Maria Machado, vencedora em 2000 do prêmio Hans Christian Andersen, o Nobel da literatura infanto-juvenil. – Havia uma sede de ler por parte dos adolescentes que a indústria editorial não tinha percebido. “Harry Potter” provou que eles lêem bastante. Mas é importante diferenciar: estamos falando de um fenômeno de massa, e não de um fenômeno literário. (MIRANDA, 2011).

Isabelle Cani (2008, p.12) ainda afirma que “existe um presságio, uma consciência aguda de uma potencialidade de sucesso fenomenal, mesmo que nada possa ainda confirmar sua intuição”. E seguramente conclui: “Então o sucesso esperado e programado acontece” (CANI, 2008, p.12). Ao que parece, a “conclusão” de Cani foi correta quanto ao sucesso de Rowling. E, para muitos, trata-se de um êxito merecido, tal como sugere Pedro Bandeira:

Muita gente há de atribuir o megassucesso de Harry Potter à moda do esoterismo e da magia que assola o mundo literário, mas o segredo desse gol de placa é o profundo conhecimento que a autora possui da psicologia das crianças a quem pretende agradar: a faixa entre os 9 e os 12 anos. [...] Joanne Rowling sabe o que pensam, imaginam e sonham esses pré-adolescentes e lhes oferece um prato cheio de modelos com os quais eles podem se identificar. [...] O livro merece o sucesso mundial que obteve. Não será diferente no Brasil. Nós, autores brasileiros de literatura para jovens, devemos dar a mão à palmatória: a senhora Rowling conhece o caminho das pedras. (BANDEIRA, 2000)

Harry Potter está mergulhado entre detratores e defensores, nacionais e internacionais. De acordo com João Luís Ceccantini:

A intensa celeuma deflagrada por Harry Potter é emblemática da cisão que ainda hoje afeta o universo da cultura: *cultura erudita / cultura de massa; alta cultura / baixa cultura; arte / indústria cultural*, estas, entre outras tantas dicotomias que afloram no debate cultural relativo à série Harry Potter, mas também, no caso brasileiro, aos livros de Paulo Coelho,

aos romances policiais, ao gênero infanto-juvenil, aos folhetins (de ontem e de hoje), para ficar em alguns poucos exemplos do meio literário. (CECCANTINI, 2005, p.23).

Pondo em questão somente o último título da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007), nota-se que:

As edições originais de "Harry Potter e as Relíquias da Morte", sétimo e último livro da saga de J.K. Rowling, chegaram a ocupar os primeiros lugares até mesmo das listas de *best-sellers* do Brasil, quando foram lançadas em julho. Recém-publicadas, as traduções alemã e francesa já estão entre os livros mais vendidos por lá. E a edição brasileira, que chega nesta noite às livrarias, não deve tardar para realizar o feito. A tiragem inicial da editora Rocco já é um indício: 400 mil cópias do livro estão sendo distribuídas, 50 mil a mais do que o título anterior, "Harry Potter e o Enigma do Príncipe", de 2005. [...] O fenômeno tem números realmente expressivos: a série já vendeu 325 milhões de exemplares no mundo, sendo traduzida em 64 línguas. Lançado no dia 21/7, "Harry Potter e as Relíquias da Morte" vendeu 8,3 milhões de cópias em um dia, só nos EUA. (VELLOSO, 2011)

O leque de sucessos de Joanne Rowling se abre. Em 1998, Harry Potter agrada aos olhos dos estúdios Warner Bros., e a empresa cinematográfica compra o direito de adaptação da série para o cinema. O fenômeno chega aos telões em 2001, em meio a alvoroços e histerias, de acordo com a jornalista Beatriz Veloso:

Alvoroço no mundo dos trouxas. A agitação planetária indica que algo extraordinário está prestes a acontecer. Quatro anos e 100 milhões de exemplares depois do lançamento do primeiro livro da série estrelada pelo garoto órfão que descobre ser bruxo, o jovem herói chega às telas do cinema. [...] O desembarque de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* nos países de língua inglesa está previsto para 16 de novembro. No Brasil, a data marcada é 23. [...] No fim de semana de estréia, será exibido em 4 mil salas nos Estados Unidos, a maior marca da história do país. Na Inglaterra, meio milhão de ingressos já foram vendidos com antecedência para espectadores mais ansiosos. [...] (VELLOSO, 2011)

A Warner contou, inclusive, com grandes maestros para compor as trilhas sonoras dos filmes de Potter. Contudo, Harry Potter não ficaria somente entre livros e filmes: deu origem a DVDs, fantasias, games, revistas em quadrinhos, e até a uma versão erótica; inspirou o surgimento de *fanfics*² e vídeos caseiros, bem como tentativas frustradas de imitar a série por parte de bandas de rock. Harry já foi comparado a Percy Jackson³, e já foi objeto de polêmicas relacionadas a suspeitas de plágio e perseguições religiosas. E o mais surpreendente: conseguiu tornar-se o rival de Mickey Mouse, com a inauguração do parque temático *The Wizarding World of Harry Potter*, também na cidade de Orlando, nos Estados Unidos.

Muito se tem discutido sobre o fato de que, na era digital, o entretenimento oriundo da internet e dos jogos eletrônicos afasta crianças e adolescentes do mundo dos livros. A esse respeito, Isabelle Smadja e Pierre Bruno afirmam atribuem à obra de Rowling a responsabilidade de quebrar essa ideia do afastamento dos livros por parte dos jovens:

² Forma abreviada da expressão *fanatic fiction*, ou *fan fiction*, cuja tradução significa "ficção de fã", ou seja, narrativas ficcionais produzidas por fãs.

³ Protagonista da série de narrativas Percy Jackson e os Olimpianos, de Rick Riordan.

Eis que um livro veio desafiar as previsões pessimistas. Harry Potter, antes de ser fenômeno editorial, foi primeiro o romance que criou a surpresa suscitando o questionamento. Afinal, que livro é esse, perguntavam-se as pessoas, que tem a virtude mágica de desenvolver nas crianças o gosto pela leitura? [...] Enquanto os grandes grupos editoriais multiplicam produtos cada vez mais bem formatados, de sucesso incerto ou fácil, o triunfo público dessa criação individual, uma obra marginal em sua origem, exige que nos interroguemos sobre as razões dos sucessos literários. (SMADJA; BRUNO, 2009, p.9-10)

J.K. Rowling recebeu diversos prêmios pelos seus livros, dentre os quais destacam-se o *Nestlé Smarties Book Prize Gold Medal* – conquistado por três vezes consecutivas, isto porque a autora desistiu de continuar a se candidatar – e o Prêmio Príncipe de Astúria da Concórdia “por ter ajudado crianças de todas as raças e culturas a descobrirem o prazer da leitura, [...] a encontrarem nas fascinantes aventuras de Harry Potter um estímulo à imaginação e criatividade”⁴.

O fato incontestável é que, de forma premeditada ou não, Harry Potter se tornou um *best-seller*, um fenômeno de vendas, no Brasil e no mundo, tal como sugere Colasanti:

A série Harry Potter foi [...] o primeiro produto editorial infantil vendido como o são os grandes *best-sellers* adultos, ou seja, sem livro. O Editor não recebe um livro para ler, recebe os planos para venda, e a garantia de apoio de marketing internacional. Foi o primeiro, outros já se seguiram. Harry Potter representa, portanto, uma virada no mercado editorial [...], em grandes lançamentos agressivos e coordenados, visando vendas estratosféricas. Exatamente como certos livros para adultos. (COLASANTI, 2005)

Por esta razão é que muitos ainda se perguntam se Harry Potter é, ou virá a ser um dia, um clássico da literatura universal. Ana Cláudia Pelisoli discute a possibilidade de a Academia e a Escola reverem a questão da inserção exclusiva de obras canônicas na vida dos estudantes. Para ela, a dúvida entre oferecer, exigir ou ignorar os clássicos na escola atormenta muitos educadores, quando o foco converge para a formação de leitores e o estímulo à leitura. Pelisoli argumenta que

[...] para alguns estudiosos, o clássico é aquela obra que ultrapassa fronteiras: se interessa e agrada a leitores entre oito e oitenta anos, ultrapassa a fronteira da idade; se é traduzido em vários idiomas e lido em várias partes do mundo, conquistando pessoas de costumes e culturas heterogêneos, ultrapassa a fronteira do espaço; se o livro, escrito e lido por gerações passadas, ainda é capaz de fazer surtir no leitor aquela fruição de que falava Barthes, permanecendo atual e ainda conquistando leitores, ultrapassa a fronteira do tempo. Esses seriam os clássicos. Ou ainda aquelas obras que são frequentemente citadas por outros autores [...] (PELISOLI, 2006, p.17)

Tomando esses conceitos como “absolutos”, Harry Potter pode, sim, ser visto como um clássico. A obra-prima de Joanne Kathleen Rowling já ultrapassou quase todas as fronteiras do discurso de Pelisoli, quais sejam:

⁴ Tradução minha do recorte “for having helped children of all races and cultures to discover the joy of reading, [...] to find in Harry Potter’s fascinating adventures a stimulus for imagination and creativity”. Disponível em: <http://staugustine.com/stories/091103/com_1796005.shtml>. Acesso em 30 ago. 2011.

1 A da idade:

Deve-se [...] pensá-lo em termos de gerações: a maioria dos leitores de Rowling tem aproximadamente entre 7 e 40 anos, como se a partir dessa obra de literatura juvenil se pudesse estender até o limite extremo o sentido da palavra “juvenil”, para nela se segurar até a idade madura. Para além dos 40 anos, os leitores de Rowling são mais raros: especialmente ecléticos ou especialmente atentos ao mundo das crianças ou dos adolescentes. (CANI, 2008, p.13)

2 A do espaço:

O mundo dos livros infantis jamais conheceu um terremoto como Harry Potter. [...] Crianças do mundo inteiro escreveram as cartas. Há jovens fãs de Harry Potter dos Estados Unidos, da Inglaterra, das Filipinas, da África do Sul, da Estônia, da Holanda – de todos os continentes. (ADLER, 2007, p.-IX-)

3 A do tempo:

Harry Potter, a série de Rowling, já ultrapassou algumas fronteiras: suas narrativas conquistaram leitores de várias idades, foram traduzidas em 62 idiomas, publicadas e reeditadas em vários países e já venderam mais do que qualquer clássico da literatura. São campeãs de referência nos *websites* de busca na internet e citadas nas mais diversas mídias: desenhos animados, histórias em quadrinhos, filmes, músicas, livros. Nesse sentido, já entrou para a História da Literatura Infante-Juvenil. Resta-nos aguardar a passagem do tempo e a inconstância da memória humana. (PELISOLI, 2006, p.18)

Pelisoli cita, ainda, que um clássico deve ser referência de estudos para outros autores. Reforçando esta afirmação, eis que surgem os nomes de Stephen Brown, Isabelle Smadja, Pierre Bruno, Isabelle Cani, Tom Morris, Gina Burkart, bem como graduandos, mestrandos e doutorandos que utilizam Harry Potter como objeto de suas pesquisas.

Para Calvino (2007), os clássicos trazem em si sinais de leituras anteriores. Segundo Joana Monteleone e Haroldo Ceravolo Sereza:

J.K. Rowling nunca negou que bebeu em várias fontes para criar a série do menino bruxo Harry Potter. Assídua leitora e de gosto eclético, ela tem alguns, ela tem alguns escritores britânicos favoritos, como Clive Staples Lewis (1898-1963), autor das Crônicas de Narnia [...]; Elizabeth Goudge (1900-1984), apontada pela própria J.K. Rowling como a autora que mais influência teve na criação de Harry Potter; e Louise May Alcott (1832-1888), autora de *Mulherzinhas*, um clássico da língua inglesa. Há muita especulação também sobre a influência do sul-africano John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), que escreveu a trilogia *O Senhor dos Anéis*, na obra de J.K. Rowling. [...] Mas, [...] os contos de fadas estão em primeiro lugar. Elementos de Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e Pequeno Polegar aparecem em momentos distintos da história e dão às crianças uma confortável sensação de reconhecimento ao ler a história de Harry Potter. (MONTELEONE; SEREZA, 2004)

Tom Morris relata que o texto da autora de Harry Potter é capaz de:

nos instruir nos empreendimentos mais comuns que todos nós enfrentamos. [...] Quando, pela primeira vez, comecei a ler as histórias de Potter e fiquei completamente imerso em sua magia, peguei-me um dia

falando para centenas de profissionais de marketing sobre o tema do sucesso. No meio da apresentação, espontaneamente afastei-me das anotações que havia preparado e comecei a falar sobre como Harry Potter lida com situações de grande desafio e tremendo perigo. [...] Eles se divertiram a valer com o fato de estarem falando seriamente sobre Harry, e todos rabiscaram às pressas mais anotações sobre os métodos sábios do bruxo do que tinham feito quando falamos de Platão e Aristóteles. Esta foi a primeira vez que eu soube que havia algo nas histórias de Potter que ressoava profundamente em todos nós [...]. (MORRIS, 2006, 11-12)

Para Borges (1974), os clássicos são lidos com prévio fervor e misteriosa lealdade. Ana Cláudia Pelisoli, em sua pesquisa, relata que

as narrativas de Rowling agradam a leitores heterogêneos – idades, classes, gostos distintos; a ansiedade com que os leitores aguardam o lançamento e a avidez com que realizam a leitura – uma corrida frenética para chegar primeiro ao final e descobrir os mistérios para os quais ninguém se cansa de criar suposições; a rede de informações – os leitores trocam interpretações entre eles, procurando saber se algum detalhe da história lhes passou despercebido, ou se realmente conseguiram fazer todas as conexões. Além disso, não satisfeitos com a leitura da última página, seus leitores relêem os textos anteriores, buscam informações na Internet e em outras mídias, ou até mesmo em outros livros que falam da série, como os publicados pela autora, que imitam os manuais escolares utilizados pela personagem principal, Harry. (PELISOLI, 2006, p.26-27)

Para Jauss ([1964]1994), o cânone literário se define de acordo com os processos de leitura que o público-leitor daquela nação foi capaz de fazer. A experiência vivida por Bill Adler mostra que, segundo Jauss, Harry Potter também é um clássico:

Ao compilar as cartas [...], descobri que não apenas havia um enorme interesse nas histórias de J.K. Rowling, mas que Harry Potter levava as crianças a ler mais do que nunca. Tive a oportunidade maravilhosa de conversar com muitas crianças e de entrevistá-las para o livro e, de forma quase unânime, esses pequenos leitores me disseram que ler Harry Potter havia aguçado seu apetite pela leitura. O que essa obra fez foi ajudar a criar uma nova geração de leitores que irão valorizar a leitura pelo resto da vida. (ADLER, 2007, p.-IX-)

A partir desse confronto de ideias, Harry Potter se enquadra perfeitamente dentro dos preceitos canônicos, e pode, certamente, ser considerado um clássico, para não dizer o maior clássico dos últimos tempos.

Considerações Finais

O que mais dizer senão um sucesso? Não só por ser literatura infantil, já que os livros de J.K. Rowling ocuparam o topo da lista de *best-sellers* tanto de adultos quanto jovens, mas a série Harry Potter deve fazer-se pensar o quanto se está habituado a dar aos jovens livrinhos cheios de belas imagens, até ele ser apresentado como um romance escrito, grande, com frases curtas, no qual são lançadas todas as palavras difíceis, e que se tem uma recepção nem um pouco complicada. É preciso reforçar o simples pretexto de que tais jovens precisam aprendam a amar a leitura. O que se tentou no presente artigo foi levantar possíveis confirmações de que a obra de Rowling é um clássico do futuro, com base na compilação de conceitos oriundos de diversos teóricos, adeptos de diferentes

correntes teórico-literárias. Não foi proposta qualquer tipo de ruptura; mas a abertura de uma concepção a mais, preservando e respeitando concepções já existentes. É necessário, então, buscar, primeiramente, um espaço na cena literária, um espaço investido de valor estético. Se Harry é um sucesso, isso Rowling deve à sua recepção, ou seja, ao seu público-leitor. Resta, por ora, esperar que Harry Potter, bem como as sagas Crepúsculo e Percy Jackson, enfim, os *best-sellers* de entretenimento, componham os clássicos do futuro.

Referências Bibliográficas

ADLER, Bill. **Cartas ao Harry Potter**: crianças do mundo todo escreveram ao bruxo. São Paulo: Editora Novo Conceito, 2007.

BANDEIRA, Pedro. Um gol de placa da ficção infantil. In: GRAIEB, Carlos. A mágica de atrair leitores. **Veja online**, n. 1644, 12 abr. 2000. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/120400/p_150.html>. Acesso em 30 ago. 2011.

BLOOM, Harold. Harold Bloom resgata clássicos juvenis para enfrentar Harry Potter: entrevista concedida a Ubiratan Brasil. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 fev. 2003.

BORGES, J. L. O Enigma da Poesia. In: _____. **Esse Ofício do Verso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. Sobre os clássicos. In: _____. **Jorge Luis Borges – Obras Completas: 1923-1972**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CECCATINI, João Luís C. T. Leitores de Harry Potter: do negócio à negociação da leitura. In: JACOBY, Sissa; RETTENMAIER, Miguel (org). **Além da plataforma nove e meia**: pensando o fenômeno Harry Potter. Passo Fundo: UPF, Assis, 2005.

COLASANTI, Marina. **No mundo da magia se come rosbife**. Disponível em: <www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/rosbeife.htm>. Acesso em 15 jul. 2012.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.

MACHADO, Ana Maria. Um truque de mágico do fenômeno. In: **Textura**: sobre leituras e escritos Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MIRANDA, André. Como nasceu e o que vem por aí depois de Harry Potter, o maior fenômeno pop da última década. **O Globo online**, Rio de Janeiro, 16 jul. 2011 Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2011/07/16/como-nasceu-o-que-vem-por-ai-depois-de-harry-potter-maior-fenomeno-pop-da-ultima-decada-924921149.asp>>. Acesso em 30 ago. 2011.

MONTELEONE, Joana; SEREZA, Haroldo Ceravolo. A bruxa que criou Harry Potter. **Superinteressante online**, São Paulo, ago. 2004. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/bruxa-criou-harry-potter-445103.shtml>>. Acesso em 30 ago. 2011.

MORRIS, Tom. **E se Harry Potter dirigisse a General Electric?**: Sabedoria de liderança do mundo dos bruxos. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

PELISOLI, Ana Cláudia Munari Domingos. **Harry Potter: um chamado ao leitor.** Projeto de Doutorado (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/III mostra/Letras/61859%20-%20ANA%20CLAUDIA%20MUNARI%20DOMINGOS%20PELISOLI.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2011.

People: J.K. Rowling recieves Spain's Concord Prize. Disponível em: <http://staugustine.com/stories/091103/com_1796005.shtml>. Acesso em 30 ago. 2011.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SMADJA, Isabelle; BRUNO, Pierre. **Harry Potter, anjo ou demônio?** Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2009.

VELLOSO, Beatriz. A magia de Harry Potter. **Época online**, Londres, 181 ed., 05 nov. 2001 Disponível em: <<http://epoca.globo.com/edic/20011105/cult1a.htm>>. Acesso em 30 ago. 2011.

ⁱ **Autor**

Roberto CAMPOS, Mestrando em Estudo de Linguagens.
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
betinho40@hotmail.com / robertorodriguescampos@gmail.com